

RESENHA DO LIVRO ENTRE SOCIÓLOGOS: VERSÕES CONFLITIVAS DA 'CONDIÇÃO DE SOCIÓLOGO' NA USP DOS ANOS 1950-1960

BOOK REVIEW

"ENTRE SOCIÓLOGOS: VERSÕES CONFLITIVAS DA
'CONDIÇÃO DE SOCIÓLOGO' NA USP DOS ANOS 1950-1960

*Denizar Amorim Azevedo**

Referência completa da obra resenhada: PULICI, Carolina. Entre Sociólogos: **Versões conflitivas da 'Condição de Sociólogo' na USP dos anos 1950-1960**. São Paulo, SP, Brasil: Editora da Universidade de São Paulo/ FAPESP, 2008.

O livro “Entre Sociólogos: Versões conflitivas da ‘condição de sociólogo’ na USP dos anos 1950-1960”, da socióloga Carolina Pulici (2008), é resultado de sua dissertação de mestrado realizada no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo em 2004 e publicada no ano de 2008 pela editora da mesma universidade. Seu texto reconstrói as relações sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP) das Cadeiras de Sociologia nas décadas de 1950 e 1960.

A obra apresenta ao público a construção social do paradigma da sociologia como disciplina científica, realizada com finalidades objetivas nas transformações que a sociedade brasileira vivenciava no período, iniciado em 1930, da industrialização. A figura de Florestan Fernandes é tida como referência nesse período, ele era líder do grupo que hoje é nomeado de “Escola Paulista de Sociologia”. A especificidade da obra de Pulici (2008), sobre as primeiras décadas de institucionalização da sociologia realizada na USP, está em explicar como eram os conflitos existentes entre dois paradigmas: de um lado, a sociologia científica e de outro a sociologia da estética e da cultura.

Vemos a obra de Pulici (2008) como uma oportuna possibilidade de ter contato com outras formas de realizar a sociologia, bem como de compreensão dos processos iniciais na formação da hegemonia do grupo de Florestan Fernandes construída com resistência de outros colegas da esfera institucional da USP. Com esse objetivo, Pulici (2008) realiza, ao longo de sua obra, inúmeras comparações entre as Cadeiras de Sociologia, o que torna seu livro interessantíssimo, visto que seu trabalho é construído por meio de contrastes que evidenciam as singularidades de cada Cadeira.

Durante as duas décadas que abrange a pesquisa de Pulici (2008), a Cadeira de Sociologia I teve Florestan Fernandes (1954-1969) como único cátedra e a Cadeira de Sociologia II teve duas fases, que se justificam não só pelas mudanças ocorridas, com a saída de Fernando de Azevedo (1943-1963) e a entrada de Ruy Galvão de Andrada Coelho (1963-1969), mas, fundamentalmente, pelas alterações relativas aos direcionamentos das pesquisas sociológicas. Os pesquisadores da primeira fase na Cadeira de Sociologia II compreendiam que a sociologia deveria ter como principais referências os antigos mestres franceses, como Roger Bastide, ao

trabalhar temas sociológicos que abarcassem literatura e estética. Nesse sentido, Pulici (2008) traz o apogeu e declínio de uma sociologia que articulava literatura, estética, arte, cinema e teatro na USP, bem como o início de uma sociologia que se intitulava como “sociologia científica” comprometida com o desenvolvimento da ordem social competitiva na modernidade, paradigma que, diversas vezes, tentou ser expandido, sem sucesso, por Florestan Fernandes para a Cadeira de Sociologia II, mas que foi relativamente implantado com a formação da segunda fase de pesquisadores na própria Cadeira de Sociologia II. Assim, a condução das pesquisas entre a Cadeira de Sociologia I e os membros na primeira fase da Cadeira de Sociologia II seguiu direções opostas.

A continuidade na primeira fase da Cadeira de Sociologia II em relação aos antigos mestres franceses fazia-se sentir nas referências às suas obras, como “Arte e Sociedade”, de Roger Bastide, cuja influência pode ser observada nos trabalhos “No Tempo Petrônio e Páginas Latinas: Pequena História da Literatura Romana”, de Fernando de Azevedo; “Funções Sociais do Teatro Francês nos Fins do Século XIX”, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; e “O Espírito das Roupas: A moda no Século Dezenove”, de Gilda de Mello e Souza. Tais autores dão a tonalidade da continuidade do empreendimento francês no grupo da Cadeira de Sociologia II (PULICI, 2008).

Os integrantes da primeira fase na Cadeira de Sociologia II, que estavam ligados também à revista *Clima*, realizaram cursos sobre “Emergência da Ficção em Prosa nas Literaturas das Diferentes Sociedades”, ‘A Estrutura Social da Inglaterra no Século XIX Vistas pelos Romancistas’ e ‘Ordem Social, Papéis Sociais, Personalidade e Tábuas de Valores de Jane Austen, Emily Brontë, George Elliot e Virginia Woolf’ (PULICI, 2008: 99), apresentando, desta forma, o direcionamento para o campo da sociologia da estética e da cultura.

Na Cadeira de Sociologia II, havia grupos de pesquisas, como o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE), o Centro de Estudos Rurais, que se desdobrou no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), e o Centro de Estudos e Cultura Africana, que posteriormente se tornou o Centro de Estudos Africanos (CEA). Tais centros eram em parte financiados pelo Ministério da Educação, devido às ligações políticas de Fernando de Azevedo. Foram produzidos trabalhos originais, como “Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre a Crise de Subsistência do Caipira Paulista” de Antonio Candido de Mello e Souza; “The Black Carib of Honduras” e “Indivíduo e Sociedade na Teoria de Augusto Comte” de Ruy Galvão de Andrada Coelho; “‘Guerre sainte’ au Brésil: Le mouvement messianique du ‘Contestado’” de Maria Isaura Pereira de Queiroz; e “Sociologia da África Negra” de Fernando Augusto de Albuquerque (PULICI, 2008). Essa valorização da estética, literatura e ensaio dos autores citados acima “deram estatutos acadêmicos à análise dos grupos aos quais então se atribuía deficiência étnica, cultural ou mental, a saber, os negros, os caipiras e os fanáticos religiosos” (PULICI, 2008: 194).

Os integrantes da Cadeira de Sociologia I tinham como ideário a construção de um conhecimento sociológico científico em torno dos obstáculos que existiam na instauração da ordem social competitiva da sociedade moderna que emergia no país. Os objetos de pesquisa foram construídos de modo hierárquico, no sentido de que Florestan Fernandes intencionava

questões prioritárias como as pesquisas sobre as populações estratégicas para a sociedade moderna. Essas preocupações, segundo Pulici (2008), podem ser compreendidas pelos trabalhos realizados na época, como “As Exigências Educacionais do Processo de Industrialização” de Fernando Henrique e Octavio Ianni, e “Obstáculos Extra-Econômicos à Industrialização no Brasil” de Florestan Fernandes (PULICI, 2008: 57).

Para esses objetivos citados acima, a Cadeira de Sociologia I iniciou a formação de equipes de pesquisa para realizar investigações sociológicas sobre “as transformações sociais em curso no Brasil” (PULICI, 2008: 68). Florestan Fernandes, influenciado pelo modelo de trabalho coletivo em que teve contato na pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), traz para os membros da Cadeira de Sociologia I a “obrigatoriedade da pesquisa empírica” (PULICI, 2008: 69), através do trabalho em grupo com um único tema de pesquisa. Florestan Fernandes compreende que era necessário a especialização e o treinamento dos jovens alunos em Ciências Sociais para a realização da pesquisa social e para a produção de conhecimento e teorias novas (PULICI, 2008: 91). Florestan Fernandes compreendia também que

A Faculdade de Filosofia não deveria preocupar-se apenas com a formação do sociólogo restrito ao ensino acadêmico, tanto para não se manter alheia ao acontecer social brasileiro quanto para não frustrar em demasia a grande maioria dos estudantes que não seriam absorvidos pela instituição (PULICI, 2008: 101)

Por isso, a relação com os estudantes na Cadeira de Sociologia I era de orientação e de encaminhamento dos jovens pesquisadores a temas elaborados pelo grupo, com o objetivo de estabelecer um programa de introdução dos estudantes nas práticas de pesquisa. Sobre essa questão, Maria Sylvania de Carvalho Franco salientava que “só a ‘experiência de trabalho’ e a integração em projetos de pesquisa coletivos levaria os alunos à atividade criadora” (PULICI, 2008: 164).

A socióloga Pulici (2008) apresenta também uma exposição crítica das trajetórias sociais da maioria dos integrantes das duas Cadeiras de Sociologia. Pulici (2008) não trabalha com a hipótese de que as divergências ocorridas entre as duas Cadeiras se justificam pelas diferenças de classes sociais, conclusão feita devido às evidências encontradas na pesquisa (PULICI, 2008).

Uma dada configuração universitária, porém, não é nunca o mero reflexo do perfil social de seus integrantes e, se no caso que historiamos, não apenas os alunos desprivilegiados culturalmente faziam-se reconhecer no empenho de ciência e no expurgo de literatura, então é porque os valores do grupo de Florestan Fernandes encarnaram expectativas mais generalizadas do que deveria ser a principiante sociologia acadêmica em sociedades com a brasileira de então. (PULICI, 2008: 42)

As motivações que orientavam, tanto na Cadeira de Sociologia I quanto na Cadeira de Sociologia II, as ações dos alunos e futuros pesquisadores para uma direção e não para outra, devia-se, em grande medida, às expectativas dos agentes (PULICI, 2008). No caso da Cadeira de

Sociologia I, os integrantes tinham como motivações, em certa medida, o desiderato de construção de uma carreira em um quadro institucional, seja no âmbito da iniciativa privada ou na esfera estatal. Em contrapartida, na Cadeira de Sociologia II, o critério de ingresso girava em torno das expectativas do agente em obter, como afirmava Maria Isaura Pereira de Queiroz, uma “alta formação cultural” (PULICI, 2008: 176).

A existência na Cadeira de Sociologia I de um sociólogo como Fernando Henrique Cardoso, marcado pela trajetória “de uma família de militares e políticos de classe média abastada” (PULICI, 2008: 133), reitera a visão de que os conflitos entre as Cadeiras de Sociologia não foram consequências das distinções das classes sociais, mas de valores que orientavam a condução do exercício sociológico. Entretanto, Pulici (2008) aponta que os integrantes que não eram descendentes de famílias tradicionais na Cadeira de Sociologia I “devem tudo o que são à Faculdade de Filosofia” (PULICI, 2008: 143) da USP. A título de ilustração lembramo-nos dos casos dos sociólogos Sedi Hirano, José de Souza Martins e Celso Beisiegel que trabalharam antes da graduação em Ciências Sociais e durante a mesma. Nesses casos, Florestan Fernandes compreendia “que a capacidade do trabalho [no campo acadêmico] seria a qualificação ‘remediadora’ dos privilégios de classe” (PULICI, 2008: 169).

Como forma de construir a autoridade e o reconhecimento no campo acadêmico, o grupo de Florestan Fernandes realizou uma intensa divulgação de resultados de pesquisas nos periódicos e no mercado editorial da época. Em média, na Cadeira de Sociologia I, as pesquisas realizadas no mestrado, doutorado e livre-docência eram publicadas no mesmo ano em que ocorriam as defesas ou apresentações dos trabalhos e, em alguns casos, no ano subsequente, ao passo que “um jovem assistente da Cadeira de Sociologia I tinha sua tese impressa e circulando antes do catedrático da Cadeira de Sociologia II” (PULICI, 2008: 112). Podemos eleger os ‘valores’ da “ética do trabalho e acima de tudo a disciplina” (PULICI, 2008: 169) como critérios que, em certa medida, orientavam também as decisões de ingressos e a permanência na Cadeira de Sociologia I.

A pesquisa de Pulici (2008) sobre o campo acadêmico das ciências sociais na USP entre os anos 50 e 60, de certa forma, apresenta traços unívocos: reconhecimento de excelências acadêmicas mediante publicação de artigos, livros, apresentação em seminários, congressos, realização de pesquisas na graduação e na pós-graduação com financiamento de órgãos de fomentos e pertencimentos a grupos de pesquisas e de redes de pesquisadores. Esses elementos contribuem para a produção de prestígio e reconhecimento acadêmico. O direcionamento ou não de alunos a temas de pesquisa pelos orientadores remetem também a questões éticas. A pesquisa de Pulici (2008), desta forma, oferece para o público de (jovens) Cientistas Sociais uma fonte original para subsidiar reflexões sobre o campo das ciências sociais. 🌀

*Graduando de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2015). Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2012-2014). E-mail: denizar@hotmail.com

Recebido em 30/03/ 2014

Aprovado em 05/08/2014